

Luto e melancolização na pandemia do COVID-19

Nelma Cabral, Adriana Novais Matos, Bárbara Catelli, Gláucia Viana,
Luiza Scarpa

“Vida não tem adjetivo. É uma mistura em cadinho estranho, mas que me dá em última análise, em respirar. E às vezes arfar. E às vezes mal poder respirar [...]”¹

RESUMO

A partir das perdas experienciadas por meio da pandemia do coronavírus - Covid-19, o artigo busca refletir sobre a dimensão traumática que a sociedade atravessa. Ela se caracteriza pela impossibilidade de realizar os ritos de sepultamento necessários para o trabalho de luto, e ainda encara a banalização e indiferença dos governantes na forma de tratar as perdas. Identifica, a partir dos registros de Freud sobre a transitoriedade e luto e melancolia, a importância da criação subjetiva e coletiva para dar contorno ao não representável característico na finitude. Explora através da psicanálise o desencadeamento do estado melancólico diante do impossível a ser representado, que resulta na experiência de desalento.

Palavras chaves: Coronavírus, Luto, Melancolia.

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the traumatic dimension society currently faces from the loss experienced during the coronavirus pandemic. This loss is characterized by the impossibility of carrying out burial rites that are necessary for mourning, while also facing indifference and trivialization from government agents in dealing with the losses.

Through Freud's records on transience and mourning and melancholia, it identifies the importance of subjective and collective creations that attempt to shape the

¹LISPECTOR, Clarice - Um sopro de vida, São Paulo: Círculo do Livro, 1978, p. 18

unrepresentable, which is a characteristic of finitude. It explores, through psychoanalysis, the triggering of a melancholic state in face of that which cannot be represented, which in turn, results in the despondency experience.

Keywords: Coronavirus, Mourning, Melancholy

Conhecida por ser de uma grande família viral, a Covid-19 impôs sua presença mundialmente desde o final de 2019 e invadiu nossa vida cotidiana demonstrando sua força e sua potência para destruir uma quantidade cada vez maior de vidas humanas, abrindo uma sequência de perdas para todos – perda das possibilidades de abraços e proximidades corporais, perda do convívio social, perda de projetos, e o que é pior perda de entes queridos, amigos, conhecidos, enfim perdas de vidas humanas. E nos levou ao confronto cotidiano com a possibilidade efetiva da finitude. Tantas perdas impuseram para muitos uma questão - como se haver com a um trabalho de luto abortado, impedido de ser realizado, devido a impossibilidade do ritual de despedido do morto?

Para nós, autoras deste artigo, a forma de nos havermos com a perda do tão esperado estágio em Psicanálise, em 2020.1, dado que não havia até então nenhuma regulamentação do MEC (Ministério de Educação e Cultura) para atendimento remoto a nível de graduação, foi a produção deste texto, uma vez que o tema se impôs em nossas discussões com a supervisora a partir de sofrimentos psíquicos trazidos pela própria equipe, em tempos traumáticos e catastróficos.

A primeira e chocante constatação dos riscos de perdas com a pandemia, talvez tenha sido observada, ainda no início de abril, através das informações apresentadas pela imprensa referindo-se à situação da Itália, diante do número extremamente elevado de mortes, colapso do sistema de saúde, “enterros em massa”, corpos carregados por empilhadeiras, mas a ameaça estava chegando a nós e não tínhamos ideia de como se daria o enfrentamento dessa pandemia pelo Brasil.

Saber que a morte pode chegar pela insuficiência respiratória, descobrir a falta de respiradores, e que nem todos poderão ter acesso a estes, a ânsia por respirar, por continuar existindo e, o confronto com uma estatística que não para de aumentar, a indiferença com a dor do outro, o uso da pandemia para deixar morrer vários grupos da população brasileira, tudo isso tem causado grande sofrimento psíquico e exigido a

criação de meios para gerir cotidianamente o nosso desamparo, nossa precariedade, e que nem sempre damos conta. Podemos dizer que é preciso resistir a cada dia, é preciso um esforço a mais para continuar respirando, para continuar existindo.

Birman argumenta que “o sujeito se choca com o imprevisível, que o desorienta”, (BIRMAN, 2012:7). Em nossa sociedade essa desorientação é intensificada por uma chuva de informações desencontradas, controversas e contrárias, especialmente, entre a Organização Mundial de Saúde, Ministério da Saúde, Presidência da República e representantes de Estados e Municípios e parte da população identificada com o governo em exercício. Aqueles que, por seu lugar de representante e de autoridade, deveriam nos orientar, nas necessidades de segurança, através das práticas de governabilidade, “deixam as pessoas em terra de ninguém”, sem saber em quem acreditar, produzindo, favorecendo e corroborando ainda mais com a experiência de desamparo, argumenta Birman (2020).

Trabalhando em um Hospital de Campanha, no Maracanã, no Rio de Janeiro, uma das autoras observa um jovem médico, em início de carreira, responsável por uma das salas de terapia intensiva com seis pessoas em grave estado de saúde. Numa sequência quase sobreposta de paradas cardíacas de quatro dessas pessoas, em que duas foram revertidas e duas evoluíram para óbitos, em menos de uma hora, o médico sai da sala suado, com seus equipamentos de segurança desarrumados e com a aparência de total sofrimento, abaixa e chora sozinho.

Observando o fluxo de internação e atendimento aos familiares neste hospital, durante os meses de abril e maio de 2020, foi possível acompanhar com angústia, tristeza, frustração e muitas inquietações algumas situações de óbito. Nesta situação, a família que muitas vezes estava há dias, semanas, um mês, separada da pessoa internada, era convocada a comparecer ao espaço de acolhimento e, muitas vezes, depois de muita espera, recebia a informação de que seu familiar não resistiu à doença. Assim, iniciava-se a preparação para o sepultamento em que apenas um dos familiares podia fazer o reconhecimento do corpo, através de uma janela de vidro estando o corpo contaminado trancafiado em uma sala. Depois, o corpo era embalado e lacrado em saco de segurança que não mais poderia ser aberto.

O sepultamento deveria, então, acontecer em caixão fechado com a participação de um número reduzido, entre 2 ou 3 familiares. Não havendo espaço para expressar a dor através dos ritos, orações e despedidas, a possibilidade do luto fica em suspensão.

A impossibilidade de olhar o rosto do seu familiar ou amigo pela última vez, dar um adeus e se despedir de uma vida significativa para si, a impossibilidade de encontro para falar da vida daquele que se foi e o saber de milhares de outras que também não puderam enterrar seus mortos nos convocou a escrever este artigo.

Como familiares e amigos, tomados pela imensa dor de perder aqueles que amam, são confrontados com a impossibilidade da despedida? Como as ações psíquicas que possibilitam a elaboração da perda podem se dar, sem a presença do corpo? Como entrar em um trabalho de luto sem olhar o corpo e o rosto inertes do morto e sem o adeus compartilhado com outros?

Como fica o trabalho de luto diante da interdição de ver pela última vez a expressão daquele rosto? Quais são os efeitos da ausência desses rituais de despedida compartilhada para o trabalho de luto? E como processar psiquicamente que aquele corpo se tornou intocável – é um corpo contaminado e contaminável – e que aquela pessoa perdeu o direito de ser pranteada e seus familiares e amigos de narrar suas memórias e, de algum modo, apaziguar a dor que dilacera a alma? Como o trabalho de luto pode levar ao que Dunker descreve como “momento em que o princípio de realidade vence nosso ego”, e desencadear “a reação de perda do objeto de investimento libidinal”. (DUNKER, 2018).

Suely Ayres, ao nos provocar com suas reflexões sobre o luto, nos mostra que até o texto “Luto e Melancolia” escrito em 1915 por Freud, estudos sobre o luto eram apenas antropológicos e culturais. E que Freud entregou esse tema também para a psicologia, ao identificar uma experiência subjetiva do luto num tempo lógico e não cronológico e mostrar a dependência da relação do sujeito com o objeto perdido, mas argumenta que essa construção subjetiva do luto, também é social e será mais ou menos “incorporada” e “efetivada”, de acordo com uma certa ligação com o social, com os ritos, as cerimônias, o contar e recontar sobre essa perda. E observa como esse processo é dificultado, pela situação de isolamento social prescrito pelo alto risco de contaminação pela Covid-19. (AYRES, 2020)

“Nada será como antes, amanhã”

A pandemia da COVID-19 fez um corte radical na vida das pessoas e das sociedades, pois há um antes e um depois do que se apresentou como uma ameaça terrível e real e impôs uma outra realidade, impensável e nem sempre aceitável. Um corte que atingiu a vida cotidiana em todas as suas dimensões, do nascimento à morte.

Esse período de busca intensiva e massiva dos cientistas do mundo todo para encontrar formas de conhecer melhor a ação desse vírus no organismo humano e as formas de combatê-lo - como a produção de vacinas ou de outros medicamentos - exige o comprometimento de todos e todas com os outros, próximos e/ou distantes para barrar a disseminação do vírus, exige também a valoração e o reconhecimento da ciência como veículo de esperança e salvação de vidas e o empenho dos governos para que as vacinas alcance toda a população de seu país.

Enquanto a vacina não se torna um bem para toda a população, sair de casa continua sendo uma ameaça para você e para outros. Cada um de nós pode ser um veículo com poder de matar, se estiver contraído o vírus e, também pode morrer. Se há pessoas consideradas com maiores possibilidades devido à idade ou a comorbidade, não se pode afirmar que jovens não correm riscos.

Observamos que um dos pontos cruciais da ação desse vírus é que ele afeta nossa capacidade de respirar e exige de quem o contraí-lo poder manter seu fôlego de vida ou ter à sua disposição oxigênio medicinal.

Com a pandemia que nos assola, o tema da morte passou a habitar o cotidiano de muitos, passou também a ser abordada como uma possibilidade real bem próxima, a aparecer nos sonhos e pesadelos e a ser banalizada por tantos outros.

Podemos perceber o temor diante da possibilidade da própria morte ou da morte do outro. Não se trata só de morrer, mas morrer por asfixia e na solidão de um hospital, sem contato, desde que se é internado, com os rostos, os olhares e as vozes que fizeram parte de sua história, de seu viver.

A morte por COVID impôs mudanças significativas no processo de sepultamento, dado o risco de contaminação pelo vírus. Assim, o ritual de despedida, de adeus ao morto, tão importante para o início do trabalho de luto não pode ser realizado do modo como foi construído por diversas culturas até então. Ainda não sabemos, de fato, as consequências dessa mudança, mas pensamos com Ayres que, a ausência do

compartilhamento social do luto, sem dúvida, afetará, de modo impactante, as subjetividades, trará implicações para a saúde pública e o campo social, o que aponta para os desafios a serem enfrentados e a urgência de se pensar a complexidade do assunto. Restringimo-nos, neste artigo, a pensar ausência de luto devido a pandemia do COVID subjetivamente, tomando como referencial o discurso freudiano.

Pressupomos a possibilidade de uma diferenciação entre um estado melancólico, atravessado por uma experiência de desalento, e a concepção da melancolia como uma estrutura narcísica ou psicótica, a partir do artigo freudiano, *O eu e o id* (1923). E indagamos se as perdas - impossíveis de serem simbolizadas por um trabalho de luto, como ocorre em casos de desaparecidos em que não há um corpo a ser sepultado, ou em histórias de catástrofes como a das guerras mundiais, a tragédia de Brumadinho e a que vivenciamos agora, a pandemia da COVID-19 - não geram um estado melancólico, não produzem uma melancolização?

Freud deu ao tema da morte um destaque em *Considerações sobre a guerra* (1915) *Luto e melancolia* (1915) e *A transitoriedade* (1916), todos eles escritos em um momento de catástrofe, a Primeira Guerra Mundial, e fez desse tema, ou das forças de destruição ou de tendência para o inanimado, parte de sua atividade de pensamento, a partir de então. Seja devido à efemeridade ou devido a acontecimentos traumáticos vividos, a morte é infiltrada na vida e o trabalho de luto desaloja o sujeito de seu lugar de estabilidade e o convoca a “desvincular-se pulsionalmente daquele (ou daquilo) que outrora lhe causou desejo” (OLIVEIRA, 2017, p.112) e produzir destinos para essa experiência de perda que poderá ser a invenção simbólica ou uma melancolia (BIRMAN, 2006).

Em seu artigo *A transitoriedade* (1916), Freud narra uma interação que teve com o poeta Rilke, num dia de verão, enquanto caminhavam despreocupadamente por um exuberante cenário natural. O poeta, para sua surpresa, mesmo cercado pela rica paisagem, era perturbado pelo pensamento de que todas as coisas belas que ali existiam estavam fadadas ao fim com a chegada do inverno, assim como também estavam condenadas as coisas belas de criação humana com a passagem do tempo e a chegada do desconhecido. Tudo aquilo que um dia foi admirado e amado desapareceria, e desta maneira, a apreciação desses objetos tornou-se um exercício doloroso, pois a confrontação com a finitude das coisas inevitavelmente exigiria que o poeta percebesse

sua própria finitude. Ou seja, pensava a efemeridade negativamente e apresentava um desalento frente a essa efemeridade.

Freud contesta a visão pessimista do poeta em relação à desvalorização dada por ele à transitoriedade do belo e se posiciona de forma contrária, valorando a transitoriedade da beleza das coisas e do corpo humano, revelando o encantamento acrescentado pela brevidade do desaparecimento da beleza do rosto e do corpo humano no curso da vida e da duração do florescimento de uma flor por uma noite apenas.

Freud atribui a angústia despertada no poeta ao ter seu sentimento de admiração ao belo interrompido pela realização da finitude uma defesa do Eu contra a destruição de seus objetos de desejo, uma antecipação do trabalho do luto onde a ameaça do real seria de alguma maneira amenizada pela depreciação da experiência. Ao se deparar com a inevitabilidade da transitoriedade, o EU, quase que como na fábula da raposa e das uvas de Esopo, mostra-se revoltado e decide que o objeto desejado deve, por certo, estar podre, ou verde, desiste da tentativa de persegui-lo.

Esse sentimento pode ser encontrado em diversas obras, mas escolhemos fazer menção aqui à *Tabacaria* de Álvaro de Campos/Fernando Pessoa:

Ele morrerá e eu morrerei.
 Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
 A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
 Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
 E a língua em que foram escritos os versos.
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de
 coisas
 como tabuletas,
 Sempre uma coisa defronte da outra,
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,
 Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da
 superfície,

Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.²

Freud e os poetas mostraram a variedade da experiência humana diante da finitude e o papel fundamental do luto para dar continuidade ao viver após a perda do objeto amado.

Neste tempo em que vivemos, em que o atravessamento com a morte literal e invisível pela COVID-19, somada à necropolítica³ vigente em nossa sociedade, em que a reafirmação da vida é dificultada e a morte é tratada com indiferença, perguntamos: é possível e como ressignificar as mortes dos que foram, sem compartilhar a história dos laços com o morto? Como lidar com a invisibilidade do corpo da pessoa amada, pois ao ser embalado e lacrado no mesmo local em que veio a *óbito*, torna-se impossível olhar o rosto e os traços marcados pelo tempo e por sua história de vida? A problemática do luto na pandemia - em que a despedida do corpo e o adeus àquela vida não podem ser socialmente ritualizadas - parece que acarreta uma experiência não só de desamparo, que é condição de subjetivação, mas de desalento.

Freud (1915b) atribui ao poeta um desalento, apontado para sua recusa da finitude, Birman (2012) traz essa categoria para mostrar como ela torna-se um mal-estar contemporâneo em que a dimensão da dor e do espaço ganham prevalência sobre a do tempo e do sofrimento psíquico, o que nos possibilita pensar o desalento como uma experiência também do COVID, devido a impossibilidade do sujeito se abrir para os tempos do luto e compartilhamento da dor.

Parece que caberá a nós, vivos desta época, construir um futuro no qual seremos coagidos a se haver com esse tempo, com nossa responsabilidade, nessa história, e com o desalento que ele traz.

A conversa de Freud com o poeta aconteceu no verão antes da primeira guerra, que se, por um lado, abalou terrivelmente seu espírito esperançoso na ciência e na cultura, e o levou a escrever que a guerra:

² CAMPOS, DE A; PESSOA, F. 1928, p. 210/211.

³ Conceito introduzido pelo filósofo Mbembe para pensar técnicas e dispositivos contemporâneos de poder sobre a vida e a morte, e relacioná-los com resistência, sacrifício e terror. Mbembe mostra como a morte pode ser um mecanismo central do poder político para ditar quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2018).

[...] mostrou nossa vida instintiva em toda a sua nudez, libertou os maus espíritos que existem em nós, os que julgávamos domados para sempre, por séculos de educação através das mentes mais nobres. Tornou nosso país novamente pequeno e o resto do mundo novamente distante. Despojou-nos de muitas coisas que amávamos, e revelou a fragilidade de tantas outras que acreditávamos sólidas. **FREUD, S.**⁴

Por outro lado, ele apostava na reconstrução do que a guerra viesse a destruir, superado o luto. E, mesmo depois de introduzir as forças de Thânatos na psicanálise e mostrar como ela habita o vivente humano, manteve-se, mesmo diante do reconhecimento da maldade do vivente humano, da catástrofe da Segunda Guerra e de seu perecimento corporal, o ensejo de afirmação do viver.

Entre “a morte sem adeus” e o estado melancólico

Um ano antes da problematização sobre a transitoriedade da vida, Freud aborda a melancolia, a depressão e o luto a partir de um registro comum - o da perda de um objeto amado e da reação a essa perda. Procura discriminar semelhanças e diferenças entre essas três formas de reagir à perda e, assinalar nas diferenças encontradas a falta de uma compreensão melhor da economia prazer-desprazer e dor.

Em “*Luto e Melancolia*” (1915[1917]), Freud argumenta que no trabalho de luto há uma exigência psíquica – a de que a libido seja retirada de suas ligações com objeto perdido, o que consome uma grande disponibilidade de energia catexial e de tempo.

Cada uma das lembranças das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada, ocorrendo o desligamento da libido em relação a cada uma delas. Por se tratar de um processo doloroso, aceitamos o fim natural com pesar, libertando o Eu para ressignificar o objeto perdido e eleger novos objetos de amor.

Para aceitar e reconhecer a perda, precisamos nos haver com nosso autocentramento narcísico, pois a morte faz um furo em certezas construídas em pilares ilusórios, nos colocando de frente para nossa precariedade humana, para a vulnerabilidade, para a incoerência e fragilidade do nosso discurso. Somos levados a enxergar os nossos furos, rebaixar nosso narcisismo viciado em verticalidade e a admitir a horizontalidade de nossa condição precária (FREUD, 1916, p. 189).

⁴ FREUD, S. 1916, p. 188

Diferenciando melancolia do luto, através do par normal e patológico, Freud mostra uma dor – a dor do melancólico – advinda de uma ferida aberta, esvaziando o Eu e deixando-o sem condições de investir em outros objetos do mundo.

No luto, o sujeito chora o objeto perdido, enquanto na melancolia o sujeito, em suas autoacusações, queixa-se não propriamente de si, mas do objeto, que ao ir embora, deixou-o sem uma parte de si, deixou-o com uma ferida aberta, indicando a presença de uma identificação narcísica com esse objeto. Assim, na melancolia, diante de uma perda, o que se abre, é um caminho regressivo para o narcisismo primário, momento de constituição do eu ideal, revelando que para além do objeto perdido, há uma perda desconhecida, inconsciente, que absorve o sujeito.

Em *O Eu e o Id* (1923), Freud retoma o tema da melancolia a fim de dar destino algumas questões em aberto no artigo anterior, como articular o registro inconsciente da perda e o esvaziamento do Eu e mostra que no doloroso infortúnio da melancolia o processo de substituição de um investimento objetal por uma identificação contribui para a formação do caráter do Eu, ao concebê-lo como “[...] um precipitado dos investimentos objetais abandonados, que contém a história dessas escolhas de objeto” (FREUD, 1923, pg. 26).

Com essa concepção, Freud coloca a identificação com objeto perdido como uma condição necessária para formação do EU, o que exige, além da incorporação do objeto no seu corpo e a introjeção sob a forma de imagem em seu psiquismo, o reconhecimento da perda através da identificação com um traço do objeto.

Segundo Birman (2006), o trabalho do luto realiza uma gramática que passa pelos registros do ser o objeto, em um primeiro tempo, e se desdobra, em um segundo tempo, em ter deste objeto apenas um traço, um símbolo. Enquanto na incorporação e na introjeção, o objeto permanece “como um morto sem sepultura” (BIRMAN, 2006, p. 400) com a identificação, o objeto perdido torna-se um objeto morto e um traço dele fica enterrado no psiquismo, formando o Eu. Parece-nos então que se não ocorrer o trabalho de identificação, o trabalho de luto não chega ao seu término e o sujeito entra em um estado melancólico.

Lembremos que Freud (1915[1917]) não só retirou o luto do campo da patologia, mas mostrou que é um trabalho psíquico necessário à subjetivação de uma perda e a produção de remanejamentos pulsionais subjetivos de modo a possibilitar a

invenção de outros modos de afirmação do viver, em que o objeto perdido ganha um outro destino na dinâmica e na economia do sujeito.

Olhando ao que estamos expostos nesse tempo de pandemia da COVID-19 pensamos que vivemos o acontecimento traumático em dois registros, um individual e outro social e político, um rebatendo sobre os outros, e inviabilizando o acesso ao simbólico, e nos colocando diante de um inominável coletivamente.

De acordo com Leite, em seu artigo *O inominável e a transitoriedade* (2019), escrito na ocasião da tragédia em Brumadinho, o sofrimento nos coage a reviver o desamparo primário desnudando nossa dependência do outro, nos reportando ao terror do encontro com a ausência de sentido, com o inominável característico de situações traumáticas vividas que escapam da linguagem. Mas, se Leite nos fala sobre o inominável traumático característico da existência humana, que retorna através de diversas situações ao longo da vida, revelando a importância do trabalho psíquico através da criação como forma de dar contorno ao não-representável, consideramos que as catástrofes nos põem diante de um traumático em que o social, o político e o subjetivo se superpõem de forma densa arrastando os sujeitos para o desalento.

COVID-19, trauma e a possibilidade de tecer futuros

A pandemia da COVID-19 é, em si, uma experiência traumática individual e coletiva, pois afeta o vivente humano desalojando-o do seu cotidiano, fazendo um corte radical espacial e temporal em seu modo de viver e nos afeta a todos. Impossível se manter completamente indiferente ao que essa pandemia nos impôs, aos impactos da ausência de ritualização das perdas.

No Brasil, o registro deste acontecimento está expondo a população além do horror da possibilidade de encontro com a situação-limite da morte pela COVID-19, ao terror do encontro com a barbaridade com que o governo brasileiro vem enfrentando essa pandemia. Constatamos diariamente por histórias próximas ou pelas diversas mídias sociais que mostram como as famílias e entes queridos dos que morrem vítimas da COVID-19 ficam não só privados de dar um destino à dor de sua perda, pois não podem efetivamente enterrar seus mortos, como precisam se haver com a banalização e o negacionismo na forma de tratar a tragédia que abateu sobre suas vidas. O que isso acarretará aos familiares e amigos dessas pessoas inseridas na estatística dos que se

foram pela COVID? O que isso acarretará à população brasileira que sobreviver a esse tempo, sabendo que muitos dos que se foram poderiam ter sobrevivido, se a pandemia fosse tratada de outro modo por nossos governantes? Não dispomos de recursos para responder a todas as questões aqui levantadas, e assim, voltamos para nossa hipótese.

A impotência descomunal que a morte nos traz se intensifica quando os familiares das vítimas do inimigo invisível a que estamos submetidos se veem impossibilitados em realizar esta etapa fundamental intensificada também pela falta de políticas públicas de saúde e segurança, e pior, pelo descaso dos nossos governantes dia após dia. Importante deixar claro que esse quadro nos leva a afirmar que a perda é uma perda traumática em dois registros, social e subjetivo e exige-se pensar destinos para ambos. Ficamos, nesse trabalho, com o segundo.

O sepultamento nos aponta à necessidade real em traduzir no simbólico a manifestação de amor pelos mortos. Não se trata apenas de dar destino ao corpo, mas, sim, de abrir espaço para os que ficam, de evocar suas memórias e afetos daqueles que partiram, de possibilitar com o trabalho de luto a identificação com um traço do objeto perdido e a invenção de um símbolo.

Sem a possibilidade de um trabalho de luto ir até ao termo da identificação com objeto perdido, este é arrastado pelo sujeito pela vida a fora, e permanece “como um morto-vivo na economia psíquica, na ausência de uma sepultura que possa devidamente simbolizá-lo” (BIRMAN, 2006, 401). Nesse, o sujeito fica entregue a um estado melancólico e assim pode permanecer, caso a perda real não possa vir a ser reconhecida e transformada em uma invenção simbólica. A ausência de um trabalho de luto que dê uma sepultura à pessoa que se foi pela COVID condena quem ficou “ao risco de mortificação em vida” (OLIVEIRA, 2017, 116). E como se haver com o trauma dessa experiência e o desalento que ele acarreta? Isso será um desafio em que o risco pode ser a psiquiatrização dos sobreviventes melancolizados dessa pandemia, perdendo com isso, a dimensão política dessa forma de mal estar e a análise de seu acirramento em função da atuação do governo brasileiro. A psicanálise em seu diálogo com outros campos de saberes precisa estar atenta a essas questões.

Ressaltamos aqui a diferenciação que podemos extrair em *O Eu e o Id* (1923) das considerações freudianas sobre estado melancólico e melancolia como um quadro clínico. Ou seja, se a melancolia é uma psicose segundo Kehl (2009) ou sofrimento

narcísico peculiar, segundo Pinheiro e outros (2010) por não fazer o luto da perda objetual, consideramos que o estado melancólico, pode ser transitório, se for possível a assunção da perda e sua transformação em invenção simbólica.

Optamos pela expressão estado melancólico, ou ainda, melancolização, e, não depressão, para evitar no contexto contemporâneo de patologização, medicalização da vida cotidiana e psiquiatrização do luto à atribuição seguida da responsabilidade dada ao sujeito por sua patologia, retirando deste mal-estar a dimensão ética e política do enfrentamento desta pandemia pela sociedade e governo brasileiro.

Se a experiência disruptiva de nossas vidas trazidas pela COVID-19, seu agravamento com o descaso e a indiferença do governo para com as mortes e com parte significativa de sua população, nos convidou a pensar o efeito da ausência de um ritual funerário sobre a subjetividade, também nos convida a indagar sobre a participação de toda a população brasileira direta ou indiretamente nesta história.

Concluimos que não é possível se manter indiferente ao receber em nossos abrigos, a estatística dos mortos, e levar a vida como se estivéssemos imunes à presença desses mortos, próximos ou distantes. É, e será, preciso olhar o desastre e as ruínas advindas desse momento e se haver com as sombras desses mortos, para não ficarmos imerso numa melancolização.

É, e será, preciso resistir e estar atento ao risco da psiquiatrização do luto como analisa e denuncia Oliveira (2017) ao mostrar como luto passou a ser psiquiatrizado pelo DSM-V e as consequências desta psiquiatrização.

É, e será, preciso com Ayres (2020), Leite (2019) e Oliveira (2017) e tantos outros psicanalistas que vêm problematizando as perdas nesta pandemia da COVID-19 afirmar a positividade da dimensão subjetiva, pública e social do luto, mas consideramos que há muito a pensar e analisar a partir da complexidade dessa catástrofe em que estamos mergulhadas. De outro modo, será necessário pensar política e eticamente também um trabalho coletivo de luto para se levar adiante a vida pós pandemia e tecer futuros.

REFERÊNCIAS

AYRES, Suely. *Luto e subjetivações: clínica, política e ética*. Congresso Virtual UFBA. 2020. Disponível em:
<https://www.facebook.com/congressoufba/videos/590948641559299>

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BIRMAN, Joel. *Impactos da Pandemia na Saúde Mental*. Webinários ABC. 2020 - Disponível em:
<http://www.abc.org.br/2020/06/15/o-impacto-da-pandemia-na-saudemental/>

BIRMAN, Joel. *Errância, invenção e melancolia: sobre as perdas e seus destinos na cultura judaica em Arquivos do mal estar na psicanálise*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pág. 391/409.

DUNKER, Christian. *Como acontece o luto?* Canal Youtube: Falando Nisso 210. 23 de nov. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Kz7jsXo6B4>

FREUD, Sigmund. *Sobre a Transitoriedade*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915b/1974.

_____ - *Luto e Melancolia*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917 [1915]/1974.

_____ (1933 [1932]) *Por que a guerra?* Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ – *O eu e o id* (1923) São Paulo: Cia das Letras, 2011, pág. 13/74.

KEHL, Maria Rita. – *Ceder de seu desejo: o vazio depressivo in O tempo e o cão*. São Paulo, Boitempo, 2009, pág.193/226.

LEITE, Sonia et al. *Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia*, *Psic. Clin.*, vol.22, n.2, Rio de Janeiro, 2010, pág.147/168.

OLIVEIRA, Cristiane. *Luto, subjetivações e biopolítica contemporânea*. In: Cristiane Oliveira; Rita Müller. (Orgs.). *Subjetivações e gestão dos riscos na atualidade*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017, p. 99/119.

MBEMBE, Achille – *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte*. São Paulo: n-1edições, 2018

PESSOA, Fernando. (1888-1935) - *Poemas de Álvaro de Campos/Fernando Pessoa*; edição, apresentação, introdução e notas Cleonice Berardinelli. - [Ed.especial].- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, pág. 210/211.